

Entusiasmo faz de eleitores reis e heróis por um dia

O ferramenteiro Joel Evangelista dos Santos acordou cedo ontem, exatamente às 5h, como faz todos os dias. Tomou banho, uma xícara de café amargo e às 6h10 já estava plantado no portão principal do Colégio João Ramalho, na região central de São Bernardo do Campo — o B do ABC paulista —, com seu título de eleitor na mão. “Hoje, eu fiz questão de ser o primeiro a bater ponto”, brincou Joel, exibindo seu tênis novo, comprado especialmente para a ocasião. Sem conseguir disfarçar a emoção, Joel, de 35 anos, casado e com dois filhos, eleitor do PT, justificou os olhos molhados. “É uma coisa muito forte votar e acreditar que um sujeito como eu também pode ser presidente da República”, discursou, um tanto aflito para voltar para casa e ficar com as crianças, liberando a *patroa* para ir votar.

Como Joel, a maioria dos brasileiros não mediu sacrifícios para ir às urnas. E, acima de tudo, não reduziu o voto a um gesto burocrático. O eleitor pintou-se, embandeirou-se, gritou, pânfleto e até percorreu quilômetros a pé para ir votar, como a pernambucana Maria do Socorro da Silva, de 38 anos, mora-

dora da zona rural de Caruaru, que andou três quilômetros para chegar a sua seção eleitoral. “Se eu não votar não vou poder reclamar depois, não é?”, explicou sorrindo.

Na outra ponta do país, o gaúcho José Mascarenhas, de 48 anos, vestiu a bombacha e um par de botas, providenciou uma garrafa com cachaça de laranja — “para matar a sede da viagem” —, montou o cavalo e marchou cerca de 45 quilômetros desde o município de Gravataí até o bairro Partenon, em Porto Alegre, onde votou. Brizolista fanático, José anunciou que aquela era “sua homenagem ao futuro presidente do país e à volta da vergonha na cara neste país”.

O entusiasmo com a participação democrática também não conheceu barreiras de idade. Mesmo sem ter a obrigação de votar, Helena Coelho, de 92 anos, fez questão de não ficar de fora do que considera um importante momento da vida nacional. Ao meio dia, sob um sol de 35 graus, ela votou na 76ª seção da 1ª zona eleitoral de Natal, Rio Grande do Norte. “Votarei até quando Deus quiser”, disse Helena, que escolheu o candidato Mário Covas depois de assistir aos

programas do horário eleitoral gratuito na televisão.

Em Brasília, a economista Flávia Lima e Silva, de 32 anos, acordou às 6h30, foi até o guarda-roupa e, para ir votar, desengavetou uma camiseta amarela com a inscrição “Eu quero votar para presidente”. A camiseta, usada por Flávia nos *buzinaços* realizados em 1984, na campanha das diretas já, ficou guardada durante cinco anos, à espera da eleição para presidente. “É uma relíquia da qual nunca vou me desfazer”, disse.

Outro brasileiro que votou emocionado foi José Edilson Bezerra, ex-funcionário da Novacap, a construtora de Brasília. Morador até hoje da Vila Planalto, primeiro lugarejo da capital onde foram alojados os pioneiros, Edilson ainda se lembra do dia em que assistiu, decepcionado, à posse do presidente Jânio Quadros — seu candidato era o general Lott. Ontem, ele votou em Brizola, mas afirma que ficará satisfeito se qualquer candidato da esquerda for eleito. “Não é só a vitória do meu candidato que estarei comemorando, mas a volta da democracia no país.”